



COMANDOS EM FACE DE NOVA REALIDADE

Carlos Alberto Martins de Castro

*"Eis que surge do mar forte mão de aço que arranca as
sentinelas alemãs dos seus postos."*

Winston Churchill, 1942

INTRODUÇÃO

No dia 2 de abril de 1982, pela manhã, o mundo foi surpreendido com a notícia da invasão das ilhas Malvinas (Falklands), por forças argentinas. Em consequência, apoiada por amplo noticiário, oral e plástico, a opinião pública mundial oscilou, durante setenta e quatro dias, de ingleses para argentinos, e vice-versa, na conformidade dos editais, entrevistas ou reportagens. Na área militar, paralelamente, os eventos foram acompanhados a níveis de baixas, equipamentos, táticas e técnicas.

Em 16 de maio, informava, em Londres, um porta-voz do Ministério da Defesa: "no primeiro ataque por terra a posições militares

argentinas no Arquipélago das Malvinas, Comandos de elite da Grã-Bretanha lançaram ontem uma ofensiva contra uma pista de aterragem, na ilha de Pebble (Borbon, para os argentinos) destruindo onze aviões e um grande depósito de munições."

Este fato materializou, em território latino-americano, as estimativas de diversos estudiosos que, até a data, pregavam a organização de Unidades constituídas por militares profissionais, capazes de executar ações não convencionais, em todos os tipos de Teatro de Operações: "os Comandos". Ante a dimensão continental do Brasil, e as características especiais da América do Sul, o emprego das unidades de Comandos têm, para nós, especial significação.

HISTÓRICO

No século I, a.C., quando os Judeus deslocavam-se através do deserto, em busca da "terra prometida", Gedeão, filho de Joaz, da família de Ezri, criou o método de seleção e treinamento das unidades especiais — seletividade, rígido preparo físico, adestramento intensivo e prática em terrenos variados — que, com pequenas transformações, é empregado, ainda, em nossos dias. Os guerreiros por ele treinados, realizaram um ataque noturno, contra vasto acampamento das Madianitas e Amalecitas, que na ocasião fustigavam "o povo de Deus", conseguindo, por meio de surpresa, terror e mobilidade, infligir fragorosa derrota às superiores forças do inimigo.

Com o correr dos séculos a técnica foi sendo desenvolvida, mudando de nome, na conformidade do terreno, ou da força empregada. Ao início do século XX, quando os ingleses envolveram-se na "guerra dos Boers", enfrentaram pequenas unidades, amplamente flexíveis e agressivas, que exigiram grande esforço para serem controladas. Tais unidades eram chamadas de Comandos, nome de origem espanhola, utilizado pelos colonos ao designarem suas aguerridas frações.

Coube ao TC Dudley Clark, durante os sombrios dias da retirada de Dunquerque, consolidar os ensinamentos históricos e utilizá-los contra o inimigo, cuja linha costeira se estendia até à extremidade norte da Noruega. As novas Uni-

dades, constituídas de elementos altamente selecionados, armadas e equipadas para atacar de surpresa, e retrair sob pressão, tornaram-se o pesadelo das sentinelas alemãs, podendo surgir do mar, inesperadamente, causando caos e destruição.

Na África, o SAS (Special Air Service) e o LDRG (Long Desert Range Group) aperfeiçoaram a metodologia do reconhecimento de área, busca de alvo, infiltração, resgate e condução de fogos.

A Guerra das Malvinas, último conflito com características tradicionais, demonstrou o grau de perfeição atingido pelos Comandos ingleses, assim como, o reconhecimento de sua eficiência na guerra convencional.

As ações de comandos não ficaram restritas aos ingleses, particularmente, nos anos do pós-guerra. Otto Skorzeny, alemão, passou à História como o "Capitão que raptou Mussolini", graças à audaciosa operação realizada para resgatá-lo do alto do Gran Sasso.

Os Sírios, em 1973, durante a "guerra do Yom Kippur", conquistaram o observatório do Monte Hermon empregando cento e vinte Comandos helitransportados. O ataque realizou-se ao término da "preparação", sendo inclusive, um helicóptero destruído no ar. Após sistemática limpeza da área o objetivo foi mantido apesar dos repetidos ataques da Brigada Galani. Em 1978, a base naval palestina de Dahar El Burj foi atacada por Comandos israelenses, que, empregando elementos do Exército e

Marinha, destruíram grande parte de suas instalações.

Nomes como Vaagso, Saint Nazaire e Mogadício, são lembranças dos sucessos; todavia, Boulogne le Touquet e Dasht-e-Kavir, servem como exemplos de que nem tudo foi realizado a contento.

Não é conveniente, entretanto, encerrar este breve relato sem nos referirmos à experiência brasileira, e a uma das ações dos argentinos nas Malvinas. Ao final do século passado, quando o território sul-americano foi maculado pelo sangrento conflito que envolveu Argentina, Paraguai e Uruguai, coube ao tenente Floriano Peixoto a execução das primeiras "ações", organizadas, de comandos, por elementos do Exército Brasileiro. Armandando com foguetes "à congreve" os lanchões *São João* e *Garibaldi*, assim como, o rebocador *Uruguai*, o jovem artilheiro atacou as linhas de suprimento do TC Antônio de la Cruz Estigarribia — que invadia a província do Rio Grande do Sul — dificultando o Apoio Administrativo e impedindo a ligação com a coluna do major Duarte, que progredia pela margem argentina. A atuação da esquadrilha foi tão marcante que forçou o inimigo a deslocar uma bateria de artilharia para as margens do Paraná, não conseguindo com tal manobra afastar os brasileiros, que deslocavam os fogos do Uruguai e inquietavam a cavallhada. O tenente Floriano não conseguiu deter o invasor no Touro Passo, mas retardou, em muito, o avanço sobre Uruguai.

Na Argentina, no conflito en-

cerrado sob condições adversas, foram empregados três grupos de Comandos, na tomada das Malvinas. Deveriam ser conquistados, simultaneamente, o quartel da guarnição, em Moody Brock, a residência do governador Rex Hunt, e o rádio farol, no cabo San Felipe. Os grupos destinados aos dois primeiros objetivos foram transportados pelo destróier *Santissima Trinidad*, e o último por submarino.

O quartel foi ocupado no alvorecer do dia 2 de abril de 1982, não havendo combate face à ausência dos ingleses. O ataque à casa do governador iniciou às 06:00 hs, e terminou por volta das 09:00 hs. Nesse local a resistência foi maior, pois a guarda fora reforçada.

O rádio farol foi conquistado dentro do planejado. Sem experiência anterior, no emprego de Comandos, os argentinos executaram ataques coordenados, empregando forças combinadas e lançando-as de diferentes tipos de transporte. Com tais ações a técnica desenvolvida em Campo de Mayo, durante a década de setenta, mostrou ser tão acurada, quanto a referida perícia do oponente.

DEFINIÇÕES

Comandos

São denominados "COMANDOS" os militares do Exército, Marinha e Aeronáutica, especialmente treinados, armados e equipados para participar de missões, com características especiais, que

ra-ar, e o crescente emprego dos radares táticos, estão reduzindo, paulatinamente, o valor da cobertura aérea. É lícito, pois, admitir-se que, caso não sejam desenvolvidos sensíveis sistemas de proteção as aeronaves, haverá, no curto prazo, relativa vantagem para a Defesa Aérea da Área.

Assim, torna-se cada vez mais duvidoso que as operações em larga escala, empregando amplo apoio aéreo, possam ser executados no futuro próximo. Os últimos conflitos demonstraram que as ações ofensivas são — vantajosamente realizadas — por Batalhões e Regimentos que podem realizar penetrações nas retaguardas inimigas, executando ações decisivas. Tal situação agravou-se com a detonação da Bomba de Neutrons, que surgiu como elemento determinante no fracionamento das forças em confronto, na redução da amplitude das Áreas de Apoio Logístico, disseminando-as pelo campo de batalha, e, na vulnerabilidade dos meios de toda ordem, sujeitos a “ações parceladas”, violentas e de curta duração, de difícil contenção e neutralização.

Nas frentes a serem guarnecidas pela Infantaria e Cavalaria, o emprego dos meios motorizados e blindados permitirá a rápida mudança de dispositivo, o deslocamento das linhas de contato e reservas. Tais movimentos, todavia, reduzindo as perdas em caso do eventual uso dos artefatos atômicos, poderão congestionar as vias de transporte, limitar a área de operações, e restringir a segurança

das Unidades, ante o imperativo capital: a rapidez. Isto ocorrendo, abre-se vasto campo ao emprego de Comandos que poderão infligir pesadas perdas ao inimigo e que se projetam no quadro apresentado como uma resposta, não apenas em termos Estratégicos mas, no plano tático, possibilitando aos planejadores, alternativas para a manutenção de ofensiva, da manobra e da flexibilidade.

Ambiente Continental

Ante as crescentes crises econômicas e políticas das Nações do Continente, julgamos ser improvável a realização de guerras de grande envergadura. Não afastamos, todavia, o emprego do meio para solucionar divergências internacionais ou amenizar a situação política interna, de Nações com problemas econômicos e atritos de fronteira.

A inexistência da Arma Nuclear e as facilidades de aquisição de armamento no mercado mundial, nos induzem a concluir que os possíveis conflitos que aqui venham a ocorrer, serão de características tradicionais mas, que, procurarão explorar as deficiências da ONU, tradicionalmente dividida pelos votos das pequenas Comunidades. Não consideramos a ação da OEA (Organização dos Estados Americanos) e do TIAR (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca), por julgarmos que terão sua intervenção seriamente prejudicada pelas divergências internas, historicamente conhecidas. Assim, o atacante buscará realizar rápida

penetração no território desejado, alargará a brecha e aguardará a mediação internacional; a nação agredida, por não possuir, provavelmente, uma força militar suficientemente adestrada e equipada para reagir de imediato, procurará retardar o inimigo, evitando sua penetração em grande profundidade. Se for possuidora de recursos humanos, técnicos e econômicos, após um curto período, passará à ofensiva e retomará seu território. Caso isto não ocorra, ou, se a ação internacional for mais rápida, principalmente quando esta estiver interessada em parte da área conquistada ou em seus recursos, é lícito admitir-se que ao invadido restará apenas aceitar a divisão do território submergido.

Não deixam de ser verdadeiras as afirmações anteriores, se considerarmos que o atacante venha a desenvolver suas ações com o adversário alertado e em condições de reagir. Isto ocorrendo, a amplitude das frentes e a redução dos eixos, forçarão a luta em áreas definidas e a busca de vantagens locais.

Se admitirmos como verdadeiras as digressões acima, e alocarmos tudo a uma análise dos aspectos geográficos das áreas operacionais do continente sul-americano, iremos concluir que serão realizadas operações de pouca profundidade ao longo dos eixos, em largas frentes, com grandes vazios entre os elementos empregados e vulnerabilidade dos eixos de comunicações e suprimento. Tais características voltam a valorizar o emprego dos "COMANDOS", que poderão

conquistar vitórias decisivas em toda a profundidade do campo de batalha e favorecer a conquista do objetivo final.

CONCLUSÕES

Todos os conflitos, até hoje vividos por nosso sofrido mundo terrestre, trouxeram ensinamentos marcantes ao homem, à tecnologia e a Doutrina Militar. A Guerra das Malvinas (Falklands), graças à disparidade dos meios empregados e às potencialidades do vencedor, foi decisiva para o teste de novos armamentos e análise das "alianças".

Entre a eficácia dos novos mísseis, o preciso deslocar da aviação de decolagem vertical, o estonteante emprego dos radares e sensores eletrônicos, e a mortífera ação dos submarinos nucleares, o Homem destacou-se como peça básica, vencendo a lama, o frio, a técnica, o vento, a política e o cansaço.

Em meio ao ensurdecedor ruído dos combates, a ansiedade, incerteza, angústia e solidão da expectativa, figuras esguias deslocaram-se em busca de observatórios favoráveis, tomando posições para precisos ataques noturnos. Os Comandos ingleses ou argentinos, realizaram, sem dúvida, missões importantes, no reduzido conflito. Conhecemos alguns detalhes das ações britânicas, filtrados em meio à guerra psicológica. Admitimos a ação argentina, por conhecermos a dedicação de seus soldados. Os combates terminaram. A paz não retornou à América Latina. Os

longos anos sem guerras, a sonolência dos acordos, a confiabilidade e os alinhamentos foram postos em instabilidade.

É preciso que os pensadores vejam no conflito todas as implicações estratégicas admissíveis, determinando as variáveis do novo relacionamento internacional.

Não devemos esquecer, contudo, um novo fator — considerado, até aqui, como impulsividade e anseio da juventude — os COMANDOS, uma peça mortífera, barata, hábil, flexível, disponível, com aplicação não ofensiva e na defesa territorial. Chegamos ao tempo e à hora de uma nova realidade.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- FOLEY, Charles. Comando Extraordinário. Rio, Nova Fronteira, 1954.

- BRADLEY, Omar Nelson. História de um Soldado. Rio, Bibliex, 1958.
- EISENHOWER, Dwight D. Cruzada na Europa. Rio, Bibliex, 1958.
- MCINNIS, Edgar. História da II Guerra Mundial. Edição Globo, 1958.
- COWLES, Virgínia. O Major Fantasma. Edição Flamboyant, 1964.
- EME. História do Exército Brasileiro. Brasília, EME, 1972.
- FLAMANTE, Marc. Os Comandos, Edição Ulisséia, 1974.
- YONG, Peter. Comandos Soldados Fantasmas, Edição Renes, 1975.
- HERZOG, Chaim. A guerra do Yom Kipur, Rio, Bibliex, 1977.

Artigos

- HOOD, Burton F. A incursão do Gran Sasso, Military Review, 1959.
- HOFFMAN, Curt. O Campo de Batalha no Próximo Decênio. Definição de uma Política de Defesa. Defesa Nacional, 1978.

O Tenente-Coronel de Infantaria, Carlos Alberto Martins de Castro serve atualmente na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Resende, RJ.